

CAMPIS UNIVERSITÁRIOS E SUAS DINÂMICAS ESPACIAIS: UMA DISCUSSÃO SOBRE TRÊS CAMPIS DA UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA, EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS – SP

Maria Helena Alves da Silva

Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), São José dos Campos, SP, Brasil

E-mail: maria.42246@yahoo.com.br

Maria Aparecida Chaves Ribeiro Papali

Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), São José dos Campos, SP, Brasil

E-mail: papali@univap.com.br

Pedro Ribeiro Moreira Neto

Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), São José dos Campos, SP, Brasil

E-mail: pedroribeiro@univap.com.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo discutir, por meio de uma pesquisa exploratória, como a instalação de três Campi da Univap – Universidade do Vale do Paraíba em São José dos Campos têm se relacionado com o meio físico e territorial que ocupam, objetivando analisar sua incidência na dinâmica espacial e imobiliária. Escolheu-se trabalhar os campi da Faculdade de Direito e o ‘Campus Centro’, localizados na rua Paraibuna; a ‘Unidade Aquarius’, no bairro Aquarius, inaugurado em 2000; e a ‘Unidade Urbanova’, inaugurada em 1995. Utilizando análise de depoimentos e publicações de jornais, foi possível concluir que desde o lançamento desses campi, tais regiões foram a causa de uma especulação em pequena escala, com alunos e famílias mudando-se para próximo do local de instalação, como no caso da Unidade Aquarius e Urbanova; ou locais que antes eram pousadas voltadas para doentes e visitantes da cidade transformando-se em repúblicas para estudantes, como no caso das unidades da rua Paraibuna.

Palavras-chave: Campi Universitário; São José dos Campos; Universidade do Vale do Paraíba; Dinâmicas Espaciais.

UNIVERSITY CAMPIS AND THEIR SPATIAL DYNAMICS: A DISCUSSION ABOUT THREE CAMPIS OF THE UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA, IN SÃO JOSÉ DOS CAMPOS – SP

Abstract

This work aims to discuss, through an exploratory research, how the installation of three Campi of Univap – Universidade do Vale do Paraíba in São José dos Campos has been related to the physical and territorial environment they occupy, aiming to analyze their impact on the spatial and real estate dynamics. We chose to work in the Faculty of Law and Campus Centro, located on Rua Paraibuna; the 'Aquarius Unit', in the Aquarius district, inaugurated in 2000; and the 'Urbanova Unit', which was inaugurated in 1995. Using analysis of testimonies and newspaper publications, it was possible to conclude that since the launch of these campuses, these regions were the cause of small-scale speculation, with students and families moving to near the place of installation, as in the case of the Aquarius and Urbanova Unit; or places that used to be hostels aimed at the sick and visitors of the city, turning into republics for students, as in the case of the Paraibuna street units.

Key words: University Campus; São José dos Campos; University of Vale do Paraíba; Spatial Dynamics.

CAMPIS UNIVERSITARIOS Y SU DINÁMICA ESPACIAL: UNA DISCUSIÓN SOBRE TRES CAMPIS DE LA UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA, EN SÃO JOSÉ DOS CAMPOS – SP

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo discutir, a través de una investigación exploratoria, cómo la instalación de tres Campis de Univap – Universidade do Vale do Paraíba en São José dos Campos se ha relacionado con el medio físico y territorial que ocupan, con el objetivo de analizar su impacto en el espacio. Fue elegido para trabajar en los campus de la Facultad de Derecho y el 'Campus Centro', ubicado en la Rua Paraibuna; la "Unidad Acuario", en el distrito de Acuario, se inauguró en 2000; y la 'Unidad Urbanova', inaugurada en 1995. A partir del análisis de testimonios y publicaciones periodísticas, se pudo concluir que desde el lanzamiento de estos campus, estas regiones han sido motivo de especulación a pequeña escala, con estudiantes y familias en movimiento para cerrar al sitio de instalación, como en el caso de la Unidad Aquarius y Urbanova; o lugares que antes eran posadas destinadas a enfermos y visitantes de la ciudad, convirtiéndose en repúblicas de estudiantes, como es el caso de las unidades de la Rua Paraibuna.

Palabras-clave: Campus Universitario; San José de los Campos; Universidad de Vale do Paraíba; Dinámica Espacial.

Introdução

A Univap - Universidade do Vale do Paraíba foi criada em 1992 em São José dos Campos – SP como uma Universidade privada, sem fins lucrativos e filantrópica. Sua mantenedora, a Fundação Valeparaibana de Ensino, foi criada em 1963 com o objetivo de manter a Faculdade de Direito, autorizada para funcionamento em 1954, e criar outros cursos de ensino superior em São José dos Campos. Com a criação da Universidade, todos os cursos que até aquele momento eram geridos pela FVE foram transferidos para a nova Universidade. No início de 2018, a UNIVAP possuía 40 cursos de graduação, sendo quatro de mestrado e cinco de doutorado, além de oito campi universitários, sendo três em São José dos Campos, um em Caçapava, um em Jacareí e um em Campos do Jordão.

A implantação de uma Universidade na cidade foi um sonho perseguido pela Fundação Valeparaibana de Ensino desde a instalação da Faculdade de Direito. Sendo uma entidade sem fins lucrativos, a Fundação ganhou o terreno onde seriam construídos seus campi, que passariam a abrigar grandes edifícios de espaço acadêmico. Na primeira metade do século XX, a educação era vista como parte do progresso cultural e econômico de uma cidade. Especialmente em São José dos Campos, a implantação de instituições voltadas aos cursos ligados às áreas de ciências humanas e sociais viria a criar um contrapeso, no plano regional, aos cursos dessas áreas já oferecidos em Taubaté e à presença do ITA, dedicado às ciências exatas aplicadas à aeronáutica.

Essa visão continuou ainda durante a década de 1980, como podemos observar a partir de uma carta do Prefeito Joaquim Bevilacqua datada de 13 de Maio de 1982 sobre a doação do terreno para a Universidade:

[...] Nota-se, ademais, que a grande aspiração de toda a comunidade joseense é a possibilidade de vir a contar com a sua Universidade, eis que o tamanho da cidade e seu incessante progresso, assim como o número de habitantes, estão a reclamar de todos e principalmente dos integrantes dos Poderes Executivo e Legislativo, responsáveis pelo destino político-administrativo do Município, as medidas cabíveis para a concretização desse ideal.[...] (MONTEIRO, 2002, pág. 79).

Como continuou o prefeito nessa mesma carta, a cidade não poderia “ver-se privada de conquistar a sua Universidade” (MONTEIRO, 2002, pág. 79). Publicações das décadas de 1980 e 1990 de jornais como a Folha de São Paulo e ValeParaibano discutiam sobre até que ponto a instalação de uma universidade privada poderia contribuir para o ensino superior na cidade.

Como observaram Élisson César Prieto e Marlene T. M. Colesanti em seu estudo sobre os impactos socioambientais da expansão da Universidade Federal De Uberlândia., muito têm se discutido sobre a história da educação e sua relevância no meio social, sobre os métodos de aprendizagem, a relação entre o professor e o estudante, mas pouco têm se produzido sobre a questão dos espaços físicos das instituições educacionais, sua infraestrutura e sua ocupação na cidade, O que evidencia a carência de estudos que discutam a relação das escolas e das universidades com a localidade (2012, p.3).

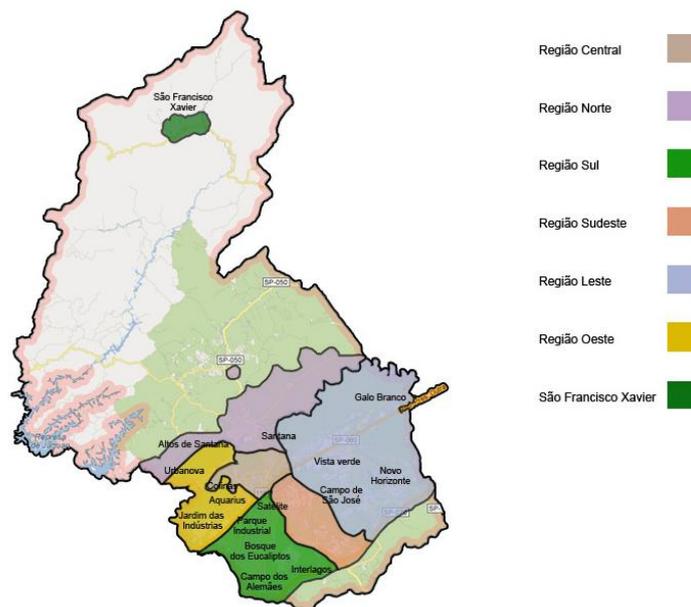
O impacto da instalação de universidades e campi em bairros têm sido mais estudado nos Estados Unidos, onde autores têm explorado a relação da Universidade com a valorização da terra, nos esforços para equidade social e como estas se envolvem na malha urbana, como mostram os estudos de Haar (2011), Perry, Wiewel (2015) e Foster (2014) . Rosalind Greenstein, do Departamento de Planejamento e Desenvolvimento do Lincoln Institute of Land Policy, observa que as fábricas, as lojas de departamentos e os bancos locais saíram da cidade, sendo trocadas por multinacionais e redes nacionais e internacionais; no entanto, as universidades urbanas raramente abandonam suas cidades. Dessa forma, não é surpresa que cada vez mais tenha crescido o interesse em investigar as ações imobiliárias das universidades face ao desenvolvimento das cidades (GREENSTEIN, 2015). Como observa Harr em seu estudo sobre os campi da Universidade de Chicago, as universidades não acontecem de estar na cidade 'por acaso': 'their founding premises and historical trajectories rest on their relationship to the city and its unique conditions, be they social, cultural,

physical, or economic (...)’ - além disso, o espaço físico e os designs tanto urbanos quanto arquitetônicos da Universidade são utilizados para representar, negociar e até mesmo influenciar o relacionamento entre a universidade e sua comunidade. Assim, a cidade não serve apenas como um propósito de ser o ‘host’ da Universidade, mas também como um lugar de locação viável e pedagógica para o maior propósito da comunidade acadêmica: a produção do conhecimento (HARR, 2011, p.14).

No Brasil, o estudo dos impactos das universidades não têm atingido especificamente o ramo imobiliário, embora alguns autores estejam trabalhando questões como geração de segregação socioespacial pela Universidade na cidade (ARAUJO, 2016); o patrimônio urbanístico gerado pela sua instalação (PRADO, 2004) e seu impacto socioeconômico (FAVA-DE-MORAES, 2000). Entendendo a falta dessa discussão no âmbito brasileiro e regional, este artigo tem como objetivo trabalhar a história de três campi da Univap, um na região central (marcado em cinza na Figura 1) e dois instalados na região oeste de São José dos Campos (marcado em amarelo na Figura 1), tendo como objetivo entender a relação dos espaços educacionais com o meio físico e territorial que eles ocupam, com o objetivo de relacioná-las como fator de desenvolvimento e especulação imobiliária onde estão inseridas

Para a composição desse estudo, utilizou-se como estratégia metodológica o diálogo entre a bibliografia pertinente à temática e o levantamento de dados e informações disponíveis para consulta no Centro de História & Memória da UNIVAP (CEHVAP), como jornais e entrevistas.

Figura 01. Mapa das regiões da cidade de São José dos Campos.



Fonte: Prefeitura de São José dos Campos

Os campi da Rua Paraibuna – 1961 e 1967

Em 1954, o presidente Getúlio Vargas assinou a autorização para funcionamento da Faculdade de Direito de São José dos Campos, fruto dos esforços da elite joseense da época. Com terreno doado pela prefeitura e verbas doadas pelo Estado e pelo município, em 1961 foi inaugurado o edifício da Faculdade de Direito na lateral da Rua Paraibuna. Por meio de depoimentos e publicações de jornais, é possível perceber a proximidade entre a sociedade joseense e os membros da Faculdade, notavelmente nas publicações feitas pelo jornal local ‘Correio Joseense’, onde mostra-se que os moradores se sentiam contentes em possuir na sua cidade uma academia de onde poderiam sair grandes juristas, vendo-a como parte do progresso econômico e social da cidade. Durante a construção do prédio que abrigaria a Faculdade de Direito, o jornal exaltou que finalmente São José dos Campos que teria “a honra e a glória de possuir uma academia à altura do progresso do nosso Estado, já tão credenciado com a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, de onde saíram os grandes juristas do Brasil”. (CORREIO JOSEENSE, 1957). Como observou um dos diretores da Faculdade de Direito e que foi aluno da segunda turma, Francisco José de Castro Pimentel:

o prédio começou em 58 com o auxílio de verba consignada do orçamento do Estado de São Paulo, e uma pequena verba da prefeitura municipal e também com o dinheiro arranjado entre colaboradores aqui da cidade. O prédio começou imponente, a planta do prédio era ambiciosa e hoje nós temos esse prédio que realmente é um prédio que começou a funcionar efetivamente em 1961, os ex-alunos de 61 já vieram para cá, e está ainda firme, é um prédio que ainda tem uma presença na cidade marcante, é um marco, a Faculdade de Direito de São José dos Campos, o prédio dele é um marco, a gente muitas vezes fala ao motorista do táxi, "eu vou, eu quero ir ali no Vila Velha", "aonde que é o Vila Velha?", "é um restaurante perto da Faculdade de Direito", "ah então não tem problema", que a Faculdade de Direito é um ponto de referência, é um ponto de referência para a cidade de São José dos Campos, e durante muito tempo foi o ponto central de referência de São José dos Campos (PIMENTEL, 1994, p. 3 e 4.)

Regina Célia Lopes Araújo em seu estudo de caso sobre a relação entre cidade e universidade aponta que a espacialização das universidades são exemplos da configuração do surgimento, por meio das ideias de modernização, construção e desenvolvimento da nacionalidade brasileira, do discurso urbanístico no país, de forma que as primeiras instituições de ensino no Brasil representavam "dos valores ideológicos da sociedade brasileira e de sua organização política e cultural" (ARAÚJO, 2016, p.12). Além disso, desde o século XIX, formava-se uma gama de professores, alunos e intelectuais em torno das Faculdades de Direito, criando dessa forma um círculo cultural local e produzindo um modelo de vida cultural. A rua Paraibuna localiza-se próxima do antigo centro de São José dos Campos, e, como observou Pessoa, o "centro urbano da região é símbolo de formação jurídica - portanto de bacharéis" (PESSOA, 2003, p. 87).

Figura 2. Cartão-postal da Faculdade de Direito de São José dos Campos



Fonte: Acervo do Cehvap.

A Faculdade, instalada na posteriormente nomeada praça "Cândido Dias Castejón", foi descrita pelo estudioso Agê Junior como "cuidadosamente ajardinada", e "onde se encontra o portentoso edifício da Faculdade de Direito, e linhas modernas e funcionais, onde funcionam outras faculdades, tornando-se o ponto de reunião da vida acadêmica da cidade" (JUNIOR, 1981, p. 48).

Inaugurado em 19 de novembro de 1961, o prédio da Faculdade de Direito, havia sido projetado por João Francisco Portilho de Andrade, professor do Mackenzie, que havia dirigido a arquitetura de seu projeto “para a severidade de um estilo artístico neoclássico, não se descuidando da perfeita funcionalidade do prédio, especialmente no referente aos princípios, normas e regras pedagógicas” (MONTEIRO apud CASTRO, 2002, p. 28)

Para sua construção, foram firmados contratos com as firmas “Companhia Predial de Taubaté”, “Th. Marinho de Andrade Construtora” e “Construtora Elias & Elias”. Existem poucas informações referentes ao projeto e ao arquiteto João Francisco Portilho Andrade. Luciene Aranha, curadora do Centro Histórico e Cultural Mackenzie, disse que não existem informações sobre projetos que ele realizou, e que existiam no acervo apenas algumas fotografias de sua formatura em 1944, e informações de que o arquiteto fora diretor da FAU Mckenzie (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) entre 1962 e 1963, e durante um curto período em 1971.

Em 1963, os dirigentes da Faculdade de Direito, tendo como objetivo implantar mais cursos de ensino superior na cidade, criaram a Fundação Valeparaibana de Ensino. Nos anos seguintes, seriam criadas mais quatro Faculdades – Engenharia, Serviço Social, Ciências Econômicas e Arquitetura e Urbanismo - e, em 1967, para o funcionamento da Faculdade de Engenharia Civil e Elétrica, o prefeito Elmano Ferreira Veloso doaria para a FVE um terreno que incluía o antigo Sanatório Vila Samaritana, na rua lateral da Faculdade de Direito.

O Sanatório Vila Samaritana seria o único edifício ocupado pela FVE cujo prédio não havia sido construído pela entidade. Inaugurado em 1934 em uma chácara de 5.400m², as últimas obras ocorreriam em 1964, com a construção de copas para as seções masculinas e femininas do local. Com a descoberta da cura para tuberculose, o público do Sanatório começou a diminuir e cogitou-se transformar o local em um asilo para idosos (CALI, 1998, p.14). No entanto, em 1967, a prefeitura desapropriou o local, declarando-o de utilidade pública tendo como argumento a necessidade de uma área para a instalação de uma unidade de ensino. A FVE passaria a ocupar o local a partir de 1967, com a criação da Faculdade de

Engenharia naquele ano e, em 1969, com a criação de mais três faculdades: de Serviço Social, de Arquitetura e Urbanismo, Pedagogia, Ciências e Letras.

Figura 3. Circulado em laranja, o edifício da Faculdade de Direito. À esquerda, em amarelo, o terreno que incluía a Vila Samaritana



Fonte: Google Maps, 2018.

Em um artigo sobre a o entorno da Vila Samaritana, Guido et. al (2015) escrevem sobre um hotel, que antes abrigava doentes tuberculosos, transformou-se em uma república voltada para alunos da Faculdade de Direito. Da mesma forma, Francisco José de Castro Pimentel, aluno formado na segunda turma da Faculdade, conta que os alunos também ocupavam as pensões e repúblicas das redondezas e que, se necessário, alunos que faziam a rota da Dutra todos os dias para ir à Faculdade dormiam escondido com sua turma na pensão:

[...] Ficávamos na pensão da Dona Teresa, ali na Pensão Castilho, hospedados ali enquanto meus pais não vinham pra São José dos Campos fiquei hospedado ali com os meus colegas, outros tinham uma república, porque tinha muita gente de São Paulo que vieram pra cá morar aqui em São José dos Campos ou no Vale do Paraíba mesmo, [...] tinha muita gente de São José dos Campos mas tinha muita gente de fora, a Faculdade de Direito na minha turma tinha 60% era de fora, ia e voltava, fazia a Dutra todo os dias [...] Tinha um do um do Litoral só, porque naquele tempo a estrada era ... uma estrada terrível, era um asfalto barato que o Jânio Quadros tinha posto na rodovia, era asfalto a preço de baixo custo, então era uma estrada perigosíssima e vinha um aluno só de ônibus e às vezes ele pousava, pousava conosco escondido da proprietária, ele dormia conosco na, na... na pensão Castilho. (PIMENTEL, 1994, p. 12-13).

Goebel e Miura, em seu estudo sobre o impacto regional das universidades instaladas em Toledo - Paraná, observam que a maior parte da circulação dos recursos financeiros onde os campi universitários se encontram é feita por meio dos pagamentos dos salários de funcionários e professores, com gastos de alunos que também fomentam atividades locais, principalmente aquelas que prestam serviços que se relacionam com o meio acadêmico, desencadeando um processo de geração de empregos principalmente no local próximo onde a universidade se encontra inserida (2004, p.37 - 38).

Tanto o edifício da Faculdade de Direito quanto os primeiros prédios do complexo da Unidade da Rua Paraibuna, localizado em amarelo na Figura 1, foram tombados como patrimônio histórico da cidade. Com o objetivo de reunir as Faculdades isoladas da FVE em uma Universidade, os dirigentes da Fundação Valeparaibana de Ensino começaram a procurar novos terrenos na cidade para poderem instalar-se, tendo em vista que os espaços da Paraibuna e da Faculdade de Direito já estavam saturados.

Campi Urbanova – 1995

Em 1974, a empresa URBANOVA - Comércio, Urbanização e Desenvolvimento Ltda. havia adquirido uma gleba de terra na região oeste da cidade com projeto urbanístico desenvolvido por Jorge Wilhelm - Arquitetos Associados Ltda. Com Wilhelm começa a projeto de implantação da "Cidade Urbanova", que previa a construção de áreas comerciais, residenciais e de serviço. Proveniente de capital japonês, o empreendimento 'Urbanova' se inicia no mesmo tempo em que havia grande investimento de capital estrangeiro na cidade.

Em 1979, foi feita uma ata de reunião na Sala da Assessoria de Planejamento e Coordenação com representantes do empreendimento 'Urbanova' e da prefeitura Municipal de São José dos Campos, onde concluiu-se que seria destinado uma área ao longo do Rio Paraíba para a implantação da Universidade de São José dos Campos (Acervo do CEHVAP).

Uma das primeiras notícias referentes ao Campus da Unidade Urbanova foi publicada em 1992 no Jornal Valeparaibano, quando a Fundação conseguiu, pelo MEC, transformar o conglomerado de cursos das Faculdades Integradas em Universidade. De acordo com a notícia, a Univap teria seu campus em uma área de "mais de 500 mil metros quadrados, localizada dentro do condomínio NovaUrbe, região oeste de São José dos Campos", ocupando uma área útil de 18.923 metros quadrados com sala de aula, anfiteatro, laboratórios, bibliotecas e quadras esportivas. De acordo com uma matéria publicada três

dias depois pela mesma jornalista, Eloá Maria, o terreno estava avaliado em Cr\$1,03 bilhão de cruzeiros, o que equivaleria hoje a pouco mais de R\$363 milhões.

Mas esse não era o início da história do Campus Urbanova. A primeira fase do Campus havia sido entregue em 1994 e a Pedra Fundamental havia sido lançada em 1982. Em 1984, um trabalho de graduação da Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia das Faculdades Integradas de São José dos Campos, do Departamento de tecnologia da Construção Civil, teve como tema um "Estudo preliminar para o plano piloto da Cidade Universitária de São José dos Campos".

Na primeira metade do século XX, a educação era vista como parte do progresso cultural e econômico de uma cidade, com implicações diretas na constituição socioeconômica de uma cidade.. Essa visão ainda pode ser percebida durante a década de 1980, como podemos observar a partir de uma carta do então Prefeito Joaquim Bevilacqua, datada de 13 de maio de 1982, a qual versava sobre a doação do terreno para a Universidade:

[...] Nota-se, ademais, que a grande aspiração de toda a comunidade joseense é a possibilidade de vir a contar com a sua Universidade, eis que o tamanho da cidade e seu incessante progresso, assim como o número de habitantes, estão a reclamar de todos e principalmente dos integrantes dos Poderes Executivo e Legislativo, responsáveis pelo destino político-administrativo do Município, as medidas cabíveis para a concretização desse ideal[...] (MONTEIRO, 2002, pág. 79).

Como segue o prefeito, nessa mesma carta, a cidade não poderia “ver-se privada de conquistar a sua Universidade” (MONTEIRO, 2002, pág. 79). Publicações das décadas de 1980 e 1990 de jornais como a Folha de São Paulo e o ValeParaibano discutiam sobre até que ponto a instalação de uma universidade privada poderia contribuir para o ensino superior na cidade.

Em 1995 o Campus foi inaugurado, mas a falta de ônibus com linhas regulares foi um problema enfrentado pelos alunos, uma vez que o percurso do centro da cidade até o novo campus era de dez quilômetros. Foi necessário que a Universidade entrasse em contato com a Secretaria de Transporte da Prefeitura, que disse que foram feitos questionários para ampliar o número de ônibus em bairros que tivessem maior índice de alunos. Também foi necessário que as linhas de ônibus que iam para o Urbanova, que levavam 50 minutos em um longo trajeto, passassem a fazer a linha centro-campus (FOLHA DE S. PAULO, 31/03/1995).

Em 1996, a Univap comprou mais 36 alqueires (871 mil m²) para ampliar o Campus Urbanova da Tecelagem Parahyba. O valor pago foi R\$300 mil reais, com área de mata nativa

cadastrada na Secretaria de Meio Ambiente do Estado. No local havia uma fazenda que seria transformada em laboratórios de botânica e zoologia. Depois dessa compra, o campus passou a ter 56 alqueires (FOLHA DE S. PAULO, 26/01/1996).

Planejamento insuficiente no bairro para instalação da Universidade

Foi pouco tempo após a instalação da universidade no bairro que passaram a ter relatos de violência relacionando-se com a instalação da instituição. Em março de 1996, um grupo de moradores do bairro ameaçou bloquear a entrada para o bairro, que era e ainda é feito por meio de uma ponte. O protesto começaria às 18h, horário em que os três mil alunos da universidade entravam no bairro. De acordo com os moradores, o bairro havia se transformado em um ponto de tráfico de drogas, com as avenidas virando pistas de racha (FOLHA DE S. PAULO, 13/03/1996). Em 1999, moradores e 1.500 alunos ficaram presos em um congestionamento no bairro após o córrego do Vidoca transbordar, interditando a ponte que dava acesso ao bairro (VALEPARAIBANO, 12/03/1999). No mesmo ano, um estudo sobre a violência na cidade falava sobre carros e motos em velocidade excessiva na Av. Shishima Hifumi, frequentando boates clandestinas e botequins, concentrando mais de 2 mil jovens (O ESTADO DE S. PAULO, 26/04/1999).

Figura 4. Localização da Univap no Bairro Urbanova.



Fonte: Google Maps, 2018.

Outros problemas similares aconteceram nos anos seguintes: em 1997, a Polícia Militar aplicou 1.500 multas nos carros estacionados em frente à Universidade entre os dias 17 de fevereiro e 4 de março (SANTO, 06/03/1997); em 1998, durante os exames vestibulares na instituição, havia a expectativa de 5.230 alunos fazerem a prova: recomendou-se que os candidatos que possuíssem veículos próprios estacionassem fora do campus para evitar congestionamento; as empresas de ônibus da cidade colocaram três ônibus extras para atender aos estudantes (VALEPARAIBANO, 12/12/1998). Após três anos, o número de inscritos no vestibular passou para 25,5 mil (VALEPARAIBANO, 25/10/2001).

O aumento de violência no bairro abaixou, assim como o número de alunos que frequentavam a unidade. Após a compra do empreendimento Urbanova pelos irmãos Porto, todo o bairro foi dividido em loteamentos e vendidos. Dessa forma, o Urbanova passou a ser um bairro predominantemente de condomínios fechados.

Não é possível concluir se essa mudança se deu inteiramente devido à instalação da Universidade, embora ela tenha sido um fator de sua popularização. Sabe-se que a sua instalação gerou maior valorização de casas e terrenos em seu entorno, além de serviços voltados para o atendimento do público frequentador, como copiadoras, lanchonetes, pensionatos, costureiras, bares, como pode ser visto nas irremediações da Avenida Shishima Hifumi. Ainda não há um estudo que avalie a taxa de crescimento do preço da terra do Urbanova; no entanto, o fato de que alguns moradores cederam depósitos dizendo ter comprado o terreno por dez mil ou trocado por carro e moto na década de 1990 e que agora os terrenos podem ser encontrados à venda de R\$ 270 mil até R\$ 1.070.000 milhão (HORIZONTE, 2018) demonstra que houve uma rápida valorização nos últimos vinte anos, e que a maioria dos que compraram o terreno daquela época não esperavam que, no futuro, morariam em um dos bairros mais valorizados da cidade.

Campi Aquarius – 2000

Em 2000, a FVE inaugurou no Bairro Residencial Aquarius uma nova unidade de ensino superior, contando com 700 alunos no primeiro ano de funcionamento. Também localizado na Zona Oeste, a diretora do Instituto Superior de Educação que funcionava na unidade, Valdelis Nunes Pereira, disse na época que a localização da escola e a facilidade de

acesso eram dois fatores importantes para o sucesso da unidade, que foi construída em uma área de 8.541 metros quadrados (VALEPARAIBANO, 25/03/2001).

Na época de sua construção, o engenheiro Tércio Ueda Yaokiti explicou que o local havia sido escolhido por conta da região "apresentar uma demanda favorável com a construção dos condomínios horizontais e verticais", e que era necessário que a nova unidade tivesse fácil acesso, coisa que o Aquarius oferecia, ao estar ligado ao anel viário e ao lado da Via Dutra. Na mesma notícia, alunas deram depoimentos que a facilidade de acesso havia sido um fator importante para a escolha da unidade, que era frequentada por alunos de Caçapava, Caraguatatuba, Pindamonhangaba, Paraibuna, Jacareí e Jambeiro. (VALEPARAIBANO, 25/03/2001).

Figura 5. Em amarelo, a unidade Aquarius.



Fonte: Google Maps, 2018.

A avenida de principal acesso da cidade para o bairro é a Avenida Cassiano Ricardo, que hoje é composta por diversos estabelecimentos comerciais intercalados com prédios residenciais e de consultório. Embora haja diversidade, há especializações, com trechos concentrando grande quantidade de estabelecimentos com atividades semelhantes, como restaurantes, supermercados e farmácias, sendo complementares no processo de concentração de serviços, que pode ser visto como uma resposta eficiente a um local de potencial expansão urbana e valorização fundiária (FURTADO, 2007, p. 55), fato que é

confirmado hoje pelo valor do metro quadrado do bairro e dos que estão à margem da Avenida (Figura 5).

Em julho de 2001, o ValeParaibano publicou uma notícia sobre o elevado número de empreendimentos imobiliários e de comércio oferecidos no bairro Aquarius, parte do crescimento da zona oeste da cidade. De acordo com o jornal, os comerciantes locais e empresários estavam 'animados com a perspectiva de um aquecimento', reformando e ampliando os comércios no local, de forma que foram instaladas pizzarias, postos de gasolina, centros automotivos, lojas de venda de carros - de acordo com o proprietário desta última, o clima e a facilidade de acesso fazia com que o Aquarius pudesse se tornar uma excelente opção para quem quisesse investir na cidade (VALEPARAIBANO, 27/07/2001).

Diferentemente das unidades no centro onde se formaram repúblicas para atender aos alunos, ou na unidade Urbanova, pouco se sabe sobre os efeitos da instalação da unidade na vizinhança do Aquarius. No entanto, da mesma forma como o Urbanova, o Aquarius viria a abrigar a parcela mais rica da população da cidade - concentrando condomínios de alto padrão e com 'aparatos sofisticados de segurança', os dois bairros têm baixa taxa de violência contraposta com o Centro, adjacente a ambos; a zona oeste, onde se localizam os dois bairros, é a zona do município com maior densidade de verticalização, menor taxa de desemprego (FERRAZ, 2006).

Conclusões

A partir da década de 1970, a cidade de São José dos Campos intensifica a sua atividade industrial, atraindo centenas de empresas e novos moradores. Esse processo é dinamizado pela globalização e a cidade reconfigura-se espacialmente, com outras atividades econômicas que reforçam o sistema urbano e influenciam sua dinâmica espacial. No meio educacional, o processo de globalização ocorre de forma diferenciada, pois ela 'escolhe' os lugares onde uma unidade de ensino será instalada, gerando um processo que tecerá redes e incorporará cidades e regiões.

Desde a inauguração do primeiro campus, da Faculdade de Direito, em 1961, percebeu-se que as instalações advindas dos cursos da Fundação Valeparaibana de Ensino têm influenciado o seu entorno. Embora ainda sejam necessários fazer estudos aprofundados sobre a forma com que atingem a mobilidade urbana e os comércios em torno, com esta pesquisa exploratória foi possível ter uma visão referente a ocupação dos bairros por estas

instalações; na rua Paraibuna, foram feitas ocupações relativas a repúblicas e hotéis, uma vez que a rua Paraibuna têm sido, desde a década de 1930, um bairro comercial e, portanto, seria difícil a ocupação por meio de moradia. Dessa forma, vimos que a ocupação dos dois campi na região central afetou o comércio ao seu redor com a vinda dos estudantes e com a proliferação de pensões e hotelarias voltadas para esse público.

No entanto, no campus Aquarius e Urbanova, a Universidade instalou-se durante o período de ocupação e venda de terrenos e ambos, posteriormente, tornar-se-iam bairros de alto padrão na cidade. Nesses dois casos, embora a Universidade não tenha sido fator preponderante de desenvolvimento e especulação imobiliária no bairro, fica claro, no bairro Urbanova, que a instituição trouxe mais moradores para o bairro e que teve influência no comércio do entorno. Já no Aquarius, nota-se que a Unidade instalada foi apenas um dos diversos serviços que passaram a ser oferecidos no bairro no mesmo período.

A ocupação de outras áreas além da rua Paraibuna foi um importante passo para a descentralização das ações da Universidade, oferecendo outras áreas para que os alunos pudessem frequentar os cursos. No entanto, em relação a unidade Urbanova, nota-se maiores relatos de problemas relacionados à mobilidade do que na Unidade Aquarius, caracterizando-se pelo fato de que o acesso ao bairro é feito por apenas uma ponte. Como observou Furtado, para interligar uma área de grande contingente populacional detentora de poder aquisitivo com áreas comerciais mais dinâmicas na cidade, é necessário a criação e ampliação constante de infraestruturas de circulação, de forma que exista uma rede viária que permita maior circulação no bairro (FURTADO, 2007, p. 54).

O processo de especulação descrito levou o bairro do Aquarius, nos últimos 15 anos, a sofrer uma forte valorização fundiária, passando a ter um processo de verticalização de condomínios sofisticados. Essa valorização foi fruto dos investimentos feitos no bairro no início dos anos 2000, a sua localização próxima da Avenida Cassiano Ricardo e da Via Dutra. Diferentemente do bairro Urbanova, a Unidade Aquarius não sofre com grandes problemas de mobilidade relacionado com a Universidade, tendo uma praça na sua frente e diversas ruas laterais que ajudam na questão do estacionamento de alunos; além de ser uma unidade muito menor do que a Urbanova, comportando menos estudantes e funcionários. Como vimos com os problemas de mobilidade em relação ao Campus Urbanova, essa questão deve ser inserida no conjunto das obras de infraestrutura necessárias à implantação das universidades.

Referências

ARAUJO, Regina Célia Lopes. **A Universidade e a Cidade: um estudo de caso do Campus Seropédica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 4. Porto Alegre, 25-29 jul. 2016 <<https://enanparq2016.files.wordpress.com/2016/09/s25-01-araujo-r.pdf>>.

CALI, Plácido. **Proposta de preservação do imóvel localizado à Rua Paraibuna, 75, antigo Sanatório Vila Samaritana, atual Univap.** 10/02/1998. Acervo do Cehvap – Centro de História & Memória da Univap.

CASTRO, Azevedo de. **Notícia Histórica da Faculdade de Direito.** In: MONTEIRO, Amilton Maciel. **Elementos históricos da Univap e de seu berço.** São José dos Campos: Pró-Reitoria de Cultura e Divulgação - Univap, 2002.

CORREIO JOSEENSE, 1957. Acesso em 24/06/2018. Disponível em: <http://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/2016/01/28/correio-joseense-1920-1967/>

FERRAZ, Maria Lúcia. **Indicadores de qualidade de vida urbana como instrumento de avaliação do desenvolvimento sócio-espacial no pólo tecnológico de São José dos Campos-SP.** Dissertação de Mestrado elaborada junto ao Programa de Pós Graduação em Geografia, 2006, 209 páginas.

FAVA-DE-MORAES, Flavio. **Universidade, inovação e impacto socioeconômico. São Paulo em perspectiva,** v. 14, n. 3, p. 8-11, 2000.

FOSTER, Emily. **The Ohio State University District: A Neighborhood History.** Arcadia Publishing, 2014.

FURTADO, Edna Maria. **O Turismo Na Capital Potiguar: visões sobre o espaço urbano de Natal/RN.** *Mercator - Revista de Geografia da UFC [en linea]* 2007, 6. Acesso em 07 de abril de 2018. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/2736/273620627006/>

GUIDO, Gabriel et al. **O Silêncio da Memória: Vida do entorno da Vila Samaritana em São José dos Campos/SP.** In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 9, 2015. Anais..., São José dos Campos: Univap, 2015. Disponível em:

Campis Universitários e suas dinâmicas espaciais: uma discussão sobre três Campis da Universidade de Vale do Paraíba, em São José dos Campos- SP. Maria Helena Alves da Silva; Maria Aparecida Chaves Ribeiro Papali; Pedro Ribeiro Moreira Neto.

<<http://www.univap.br/arquivo/Vida%20do%20entorno%20da%20Vila%20Samaritana.pdf?AID=929>>. Acesso em: 4 jul. 2017

GOEBEL, Márcio Alberto; MIURA, Márcio Nakayama. A universidade como fator de desenvolvimento: o caso do município de Toledo-PR. **Revista Expectativa** 3.3 (2004).

GREENSTEIN, Rosalind. Foreword. In: PERRY, David C.; WIEWEL, Wim. **The University as Urban Developer: Case Studies and Analysis**. Routledge, 2015.

HAAR, Sharon. **The City as Campus: Urbanism and Higher Education in Chicago**. University of Minnesota Press, 2011.

HORIZONTE IMÓVEIS. Acesso em 15/06/2018. Disponível em: http://www.horizonteimoveis.com/imoveis/urbanova_/comprar/terreno/sao-jose-dos-campos/pag-2

JUNIOR, Agê. São José dos Campos de 1900 a 1980. São Paulo: Santuário, 1981.

MARIA, Eloá. **FVE ganha status de universidade e anuncia a criação de novos cursos**. ValeParaibano - Cidades. 4 de Abril de 1992. Disponível para consulta no Acervo do Cehvap.

MARIA, Eloá. **Univale inicia obra do campus este ano**. Valeparaibano. 7 de Abril de 1992.

MONTEIRO, Amilton Maciel de. **Elementos históricos da Univap e de seu berço**. São José dos Campos: Pró-Reitoria de Cultura e Divulgação, Univap, 2002.

PERRY, David C.; WIEWEL, Wim. **The University as Urban Developer: Case Studies and Analysis**. Routledge, 2015.

PESSOA, Marlos de Barros. **Formação de uma Variedade Urbana e Semioralidade: O Caso do Recife, Brasil**. São Paulo: Marc Record, 2003.

PIMENTEL, Francisco José de Castro. Entrevista realizada pela TV UNIVAP em 1994. Cedida ao Centro de História da UNIVAP (CEHVAP) em 2016.

PRADO, Maria Lígia Coelho. **Cidades universitárias: patrimônio urbanístico e arquitetônico da USP**. Edusp, 2004.

Câmpis Universitários e suas dinâmicas espaciais: uma discussão sobre três Câmpis da Universidade de Vale do Paraíba, em São José dos Campos- SP. Maria Helena Alves da Silva; Maria Aparecida Chaves Ribeiro Papali; Pedro Ribeiro Moreira Neto.

PRIETO, Élisson Cesar; COLESANTI, Marlene Teresinha de Muno. Câmpus Glória: Os Impactos Socioambientais Da Expansão Da Universidade Federal De Uberlândia. **Sociedade & Natureza** [en linea] 2012, 24 (Septiembre-Diciembre). Acesso em 7 de abril de 2018. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/2736/273620627006/>

SANTO, Dione do Espírito. **DCE quer muitas suspensas.** Valeparaibano, 06/03/1997. Disponível para consulta no Acervo do Cehvap.

VALEPARAIBANO: **O novo prédio da Univap instalado no Jardim Aquarius.** 27/07/2001. Disponível para consulta no Acervo do Cehvap.

VALEPARAIBANO: **Univap traz 700 alunos para o bairro.** 25/03/2001. Disponível para consulta no Acervo do Cehvap.

Submetido em outubro de 2020
Aceito em setembro de 2022